

estudos e pesquisas

nº 83 – março de 2017

Balanço das negociações dos reajustes salariais de 2016

Balanço das negociações dos reajustes salariais de 2016

O DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, por meio do Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE), apresenta os resultados das negociações dos reajustes salariais de 2016.

Foram analisados os reajustes de 714 unidades de negociação da indústria, do comércio e dos serviços do setor privado e de empresas estatais em quase todo o território nacional. Os dados mostram que apenas 19% dos reajustes analisados resultaram em ganhos reais aos salários, segundo comparação com a variação dos preços medida pelo INPC-IBGE¹. Cerca de 44% dos reajustes tiveram valor igual à variação do índice de inflação e os demais 37% ficaram abaixo.

A variação real média foi negativa: 0,52% abaixo da inflação.

Resultados

O quadro das negociações salariais analisado pelo DIEESE em 2016 revela o agravamento da situação captada no balanço dos reajustes de 2015.

Em 2015, o percentual de negociações com reajuste acima da inflação foi de 51%. Esse dado já revelava queda significativa em relação aos resultados apurados nos anos anteriores (Gráfico 1). Para efeito de comparação, entre 2005 e 2014, o percentual de negociações com aumento real nunca foi inferior a 70%; e, se excetuados os anos de 2005, 2008 e 2009, nunca inferior a 86%.

Em 2016, a situação se agrava e o percentual de reajustes acima da inflação atinge o menor patamar desde que o DIEESE deu início à divulgação da série dos balanços anuais dos reajustes. A proporção de reajustes acima da variação do INPC de 2016 é somente comparável à observada em 2003: ambas próximas a 19%.

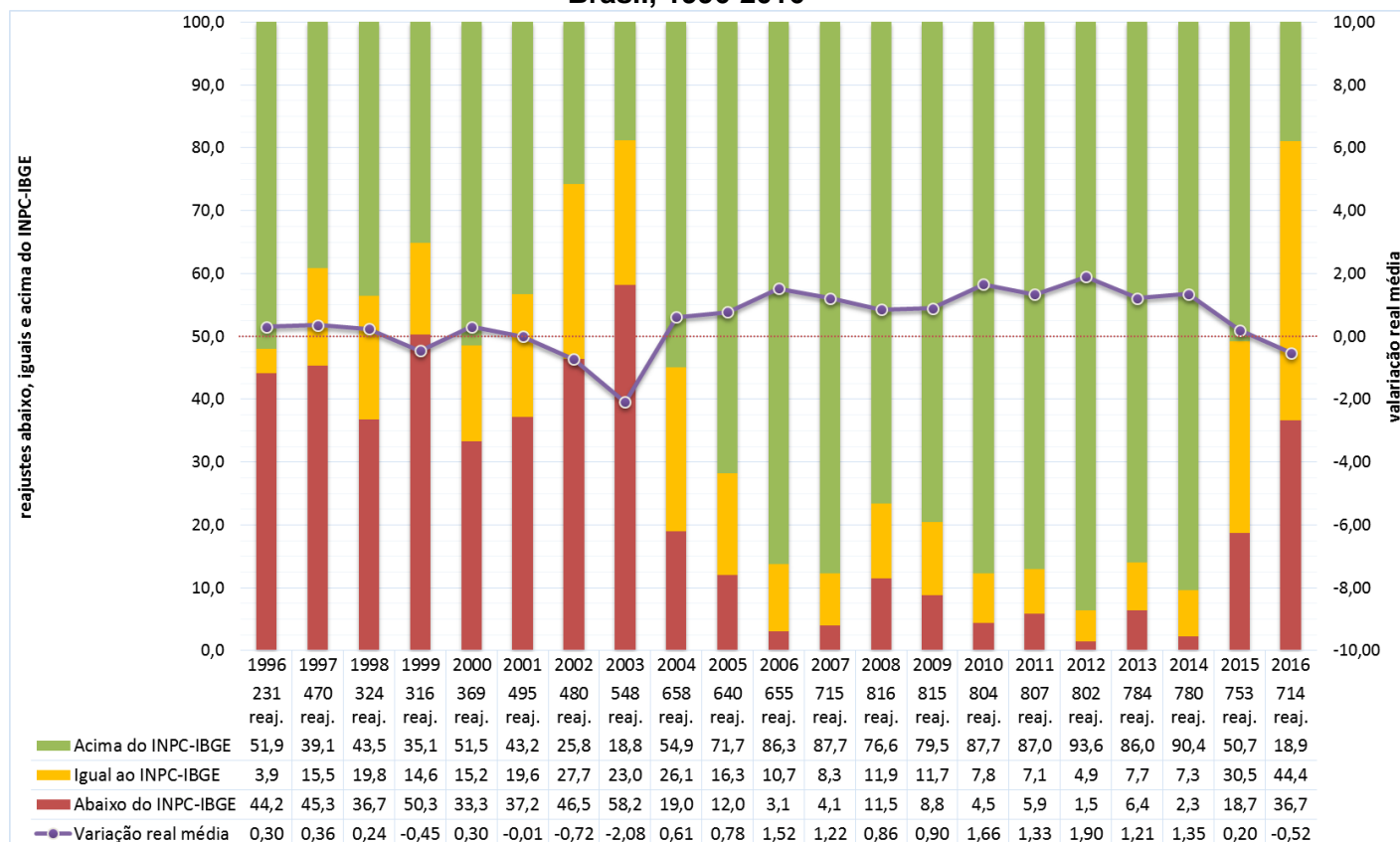
No que se refere aos reajustes abaixo da inflação – sempre na comparação com a variação do INPC –, a proporção praticamente dobrou em relação ao ano anterior: representava 19% das negociações em 2015 e passou, em 2016, a quase 37%.

¹ Índice Nacional de Preços ao Consumidor, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Todavia, os reajustes em valor igual à inflação também cresceram em 2016 e atingiram a maior marca desde 1996, presentes em 44% das negociações analisadas.

Em virtude deste desempenho desfavorável para os trabalhadores, a variação real média dos reajustes salariais em 2016 foi negativa (-0,52%), fato que não ocorria desde 2003.

GRÁFICO 1
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE,
e variação real média dos reajustes
Brasil, 1996-2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

A Tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição dos reajustes salariais de 2016 de acordo com faixas de variação real, segundo a comparação com a variação do INPC. Como se observa, grande parte do reajuste se concentrou nas faixas próximas à variação da inflação, com maior incidência dos reajustes em valor exatamente igual à variação do índice de preços.

A soma dos casos de reajustes iguais à inflação com os de perdas de até 1% e os de ganhos de até 1% resulta em 78% do total de reajustes analisados.

TABELA 1
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE
Brasil, 2016

Variação	Reajustes Salariais	
	nº	%
Acima do INPC-IBGE	135	18,9
Mais de 5% acima	0	0,0
De 4,01% a 5% acima	1	0,1
De 3,01% a 4% acima	0	0,0
De 2,01% a 3% acima	2	0,3
De 1,01% a 2% acima	5	0,7
De 0,01% a 1% acima	127	17,8
Igual ao INPC-IBGE	317	44,4
De 0,01% a 1% abaixo	116	16,2
De 1,01% a 2% abaixo	81	11,3
De 2,01% a 3% abaixo	29	4,1
De 3,01% a 4% abaixo	20	2,8
De 4,01% a 5% abaixo	6	0,8
Mais de 5% abaixo	10	1,4
Abaixo do INPC-IBGE	262	36,7
Total	714	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

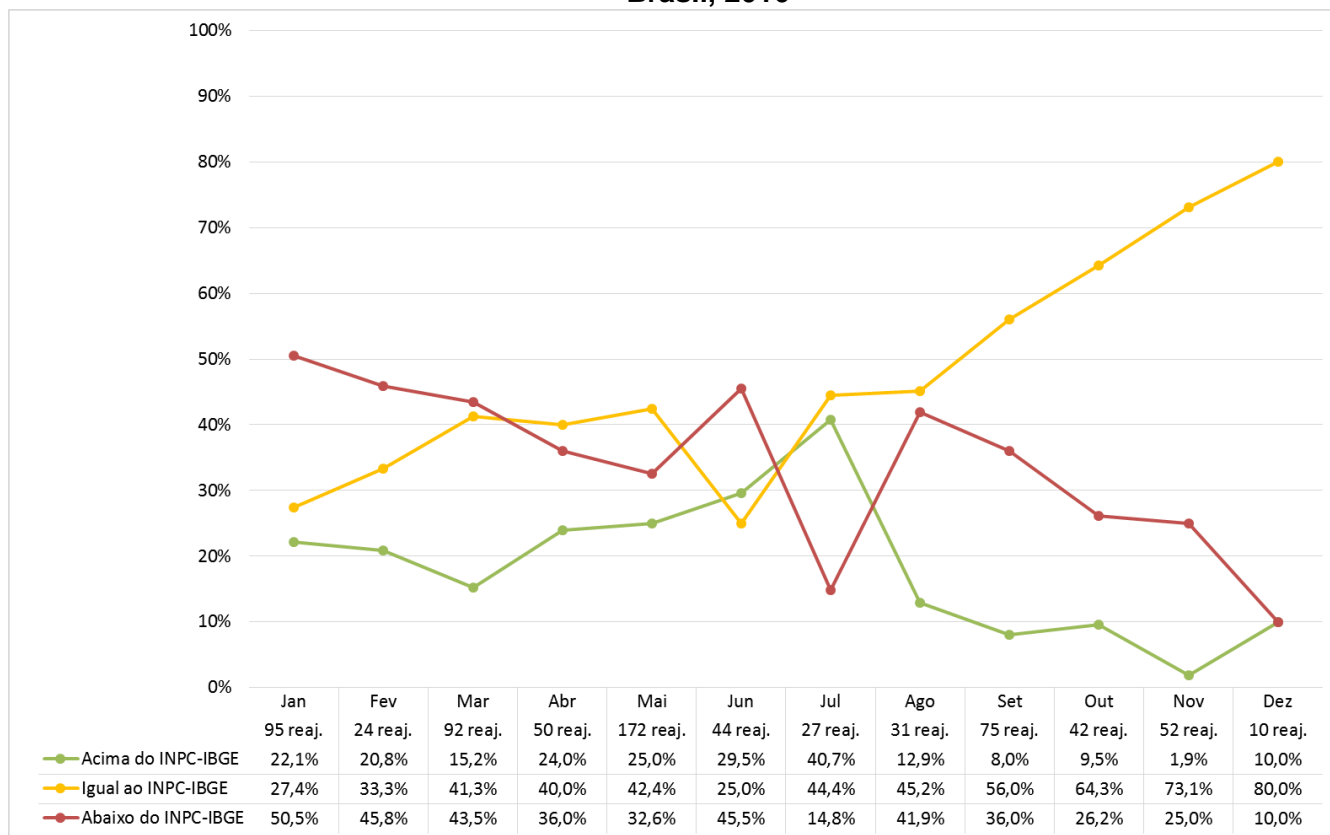
Reajustes salariais por data-base

O Gráfico 2, a seguir, apresenta o comportamento dos reajustes salariais de 2016 segundo o mês de data-base das negociações coletivas consideradas.

Embora o comportamento não seja uniforme, é possível observar alguns padrões no desempenho das negociações salariais no decorrer do ano. Em primeiro lugar, nota-se o crescimento no percentual de reajustes em valor igual à variação do INPC ao longo dos meses, ressaltando somente abril e junho. Em segundo lugar, nota-se queda no percentual de negociações com reajustes abaixo da inflação, embora com trajetória menos regular que os primeiros.

Quanto aos reajustes superiores à inflação, há dois comportamentos distintos: no primeiro semestre, de crescimento gradual no percentual de negociações com aumento real; no segundo, de queda abrupta e manutenção em baixos patamares desse indicador.

GRÁFICO 2
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação
com o INPC-IBGE, por data-base
Brasil, 2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

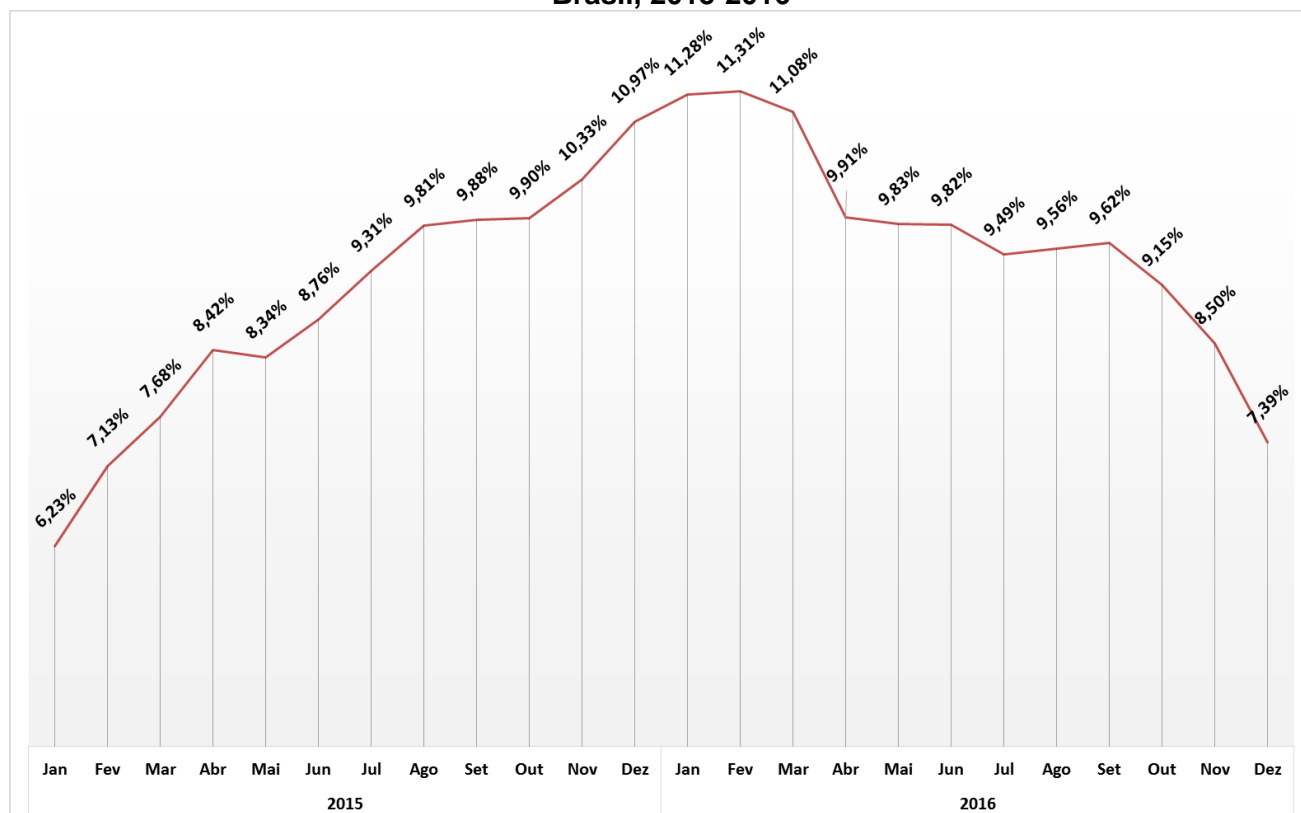
A queda nos índices de inflação observada ao longo de 2016 pode explicar em parte o comportamento das negociações dos reajustes salariais (Gráfico 3). Afinal, quanto menor a inflação, menos difícil negociar a reposição de perdas passadas e a incorporação de ganhos reais.

No entanto, o comportamento da inflação por si só não é suficiente para explicar o desempenho das negociações de 2016, haja vista a queda no percentual de reajustes acima da inflação observada no segundo semestre.² Outros fatores devem ser considerados, como o do nível de atividade econômica, que vinha melhorando (isto é, caindo menos) ao longo do primeiro semestre e piora no segundo, quando a queda se acentua, conforme dados do Produto Interno Bruto recém divulgados pelo IBGE.³

² Com o agravante que nesse período do ano se concentram as negociações coletivas de fortes categorias profissionais.

³ Ver <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3384&busca=1&t=piib-recua-3-6-2016-fecha-ano-r-trilhoes>

GRÁFICO 3
Inflação acumulada na data-base, segundo INPC-IBGE
Brasil, 2015-2016



Fonte: IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: Considera-se valor do reajuste necessário a variação da inflação acumulada em 12 meses por data-base

Reajustes parcelados, escalonados e pagamento de abono salarial

Em 2016, houve intensificação no aumento dos reajustes salariais parcelados, o que já havia sido observado em 2015. Entre 2008 e 2013, os reajustes salariais aplicados em mais de uma parcela oscilavam em uma proporção que variava entre cerca de 4% e 5%. Após leve crescimento em 2014, a proporção de reajustes parcelados dobrou em 2015. Em 2016, esta modalidade de reajuste dobrou novamente e esteve presente em cerca de 30% dos reajustes salariais.⁴

⁴ Os reajustes parcelados foram mais frequentes nas negociações de novembro (48% do total das negociações com data-base no mês), outubro (42%) e junho (38%).

TABELA 2
Reajustes salariais segundo número de parcelas do pagamento,
Brasil, 2008-2016

Nº de parcelas	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Pagamento em 1 vez	95,6	93,0	94,8	95,0	95,0	94,6	93,5	85,9	70,4
Pagamento Parcelado	3,9	5,4	5,1	4,8	5,0	5,4	6,5	13,7	29,6
<i>Em 2 vezes</i>	3,8	4,8	4,6	4,0	5,0	5,4	6,5	12,7	26,6
<i>Em 3 vezes</i>	0,1	0,5	0,5	0,9	0,0	0,0	0,0	0,9	2,4
<i>Em 4 vezes ou mais</i>	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6
Sem reajuste	0,5	1,6	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,4	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Por sua vez, a proporção de negociações que registraram pagamento de abono salarial em 2016 teve leve aumento em relação ao ano anterior, embora tenha se mantido em patamar próximo ao dos anos anteriores.

Já o percentual de reajustes escalonados cresceu de forma mais acentuada em 2016. Nos últimos anos, o crescimento desse tipo de reajuste foi lento e gradual, aumentando aproximadamente 9 pontos percentuais entre 2008 e 2015. Contudo, de 2015 para 2016, o crescimento foi de 8 pontos percentuais.

TABELA 3
Unidades de negociação com reajustes salariais escalonados
e pagamento de abono salarial - Brasil, 2008-2016

	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
	(em %)								
Abono salarial	7,1	6,3	7,3	6,9	7,7	8,7	6,7	7,2	7,6
Reajuste escalonado	15,2	15,2	19,4	19,2	21,4	21,6	21,3	24,3	32,4

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Reajustes salariais por setores econômicos

Os serviços são o setor que registrou a maior proporção de reajustes salariais abaixo da inflação em 2016. Quase a metade dos reajustes nesse setor (49%) não repôs as perdas salariais acumuladas desde a última data-base. No entanto, cerca de 21% das negociações do setor conseguiram aumento real – acima da proporção geral, portanto. Os demais 30% tiveram reajustes iguais à inflação (Tabela 4).

A indústria e o comércio tiveram resultados semelhantes no tocante à proporção de categorias com reajuste igual a inflação (53% e 50%, respectivamente) e abaixo (31% e 29%, respectivamente).

Em todos os setores, reajustes acima da inflação foram os menos frequentes.

TABELA 4
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE,
segundo setor econômico - Brasil, 2016

Variação	Indústria		Comércio		Serviços	
	nº	%	nº	%	nº	%
Acima do INPC-IBGE	59	16,9	25	21,4	51	20,6
Mais de 5% acima	0	0,0	0	0,0	0	0,0
De 4,01% a 5% acima	1	0,3	0	0,0	0	0,0
De 3,01% a 4% acima	0	0,0	0	0,0	0	0,0
De 2,01% a 3% acima	2	0,6	0	0,0	0	0,0
De 1,01% a 2% acima	3	0,9	0	0,0	2	0,8
De 0,01% a 1% acima	53	15,1	25	21,4	49	19,8
Igual ao INPC-IBGE	184	52,6	58	49,6	75	30,4
De 0,01% a 1% abaixo	44	12,6	20	17,1	52	21,1
De 1,01% a 2% abaixo	27	7,7	8	6,8	46	18,6
De 2,01% a 3% abaixo	15	4,3	4	3,4	10	4,0
De 3,01% a 4% abaixo	9	2,6	2	1,7	9	3,6
De 4,01% a 5% abaixo	5	1,4	0	0,0	1	0,4
Mais de 5% abaixo	7	2,0	0	0,0	3	1,2
Abaixo do INPC-IBGE	107	30,6	34	29,1	121	49,0
Total	350	100,0	117	100,0	247	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

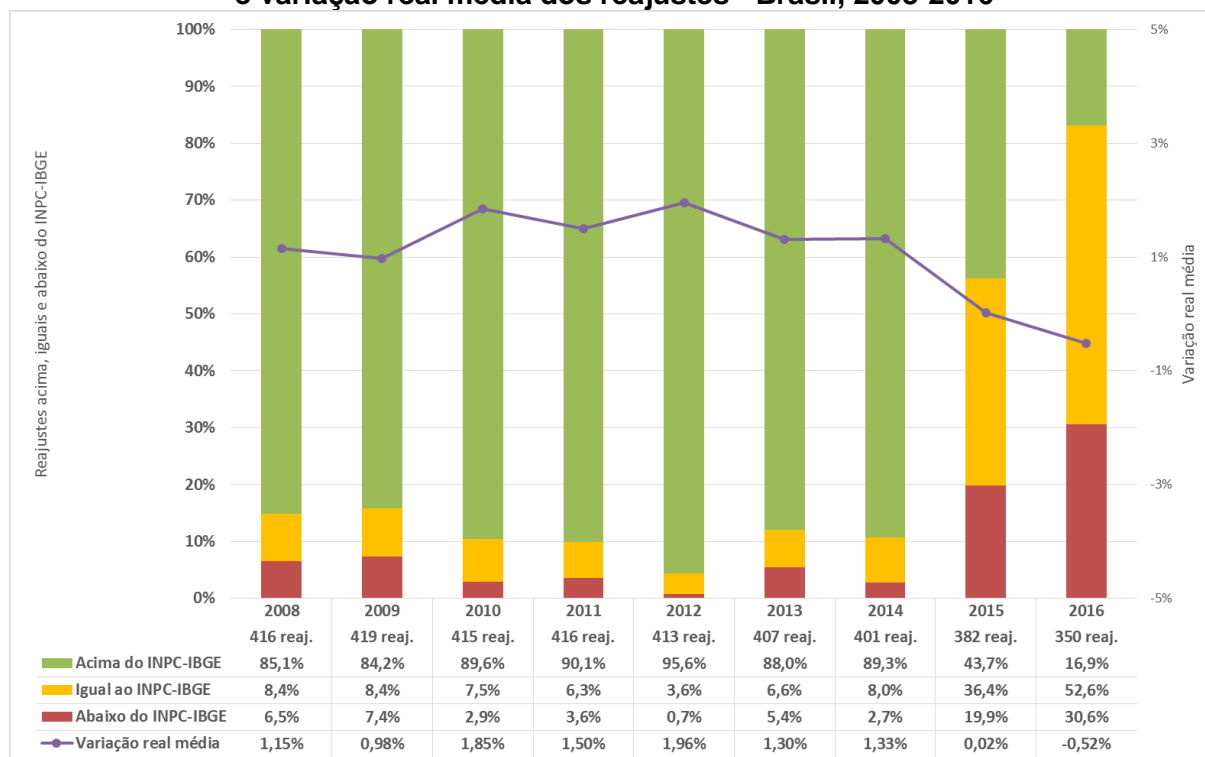
Indústria

O Gráfico 4 mostra que houve piora nos reajustes salariais da indústria. Foram observados aumentos nas frequências dos reajustes abaixo da inflação e também daqueles que apenas repõem as perdas inflacionárias. Como resultado, os reajustes acima da inflação registraram forte queda em relação a 2015. De 2014 a 2016, a proporção de reajustes com ganho real caiu aproximadamente 72 pontos percentuais.

Em razão do desempenho das negociações da indústria em 2016, a variação real média dos reajustes no setor foi de -0,52%.

GRÁFICO 4

Distribuição dos reajustes salariais na indústria, em comparação com o INPC-IBGE, e variação real média dos reajustes - Brasil, 2008-2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

A Tabela 5 revela que o quadro negativo das negociações da indústria foi disseminado e pode ser observado nas principais atividades do setor. Todas elas registraram variação real média negativa em 2016, isto é, levaram a uma perda real. A atividade metalúrgica registrou o resultado menos desfavorável do setor. Quase um quarto das negociações obteve aumentos reais, maior proporção no setor; e 17% das negociações registraram reajustes abaixo da inflação, o menor do setor. Entretanto, a maior proporção de reajustes acima da inflação não resultou em variação real média positiva (-0,48%).

Os urbanitários registraram a maior proporção de reajustes abaixo da variação do INPC (46%). Porém na média as maiores perdas foram observadas na indústria gráfica (-0,71%) e nas indústrias química e farmacêutica (-0,65%).

TABELA 5

Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE, e variação real média dos reajustes, segundo atividades econômicas selecionadas da indústria Brasil, 2016

Atividade econômica	Acima		Igual		Abaixo		Total		Variação real média (%)
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Alimentação	7	15,9	23	52,3	14	31,8	44	100,0	-0,43
Construção e Mobiliário	10	14,5	36	52,2	23	33,3	69	100,0	-0,48
Fiação e Tecelagem	1	5,3	14	73,7	4	21,1	19	100,0	-0,15
Gráfica	2	13,3	9	60,0	4	26,7	15	100,0	-0,71
Metalúrgica	17	24,6	40	58,0	12	17,4	69	100,0	-0,48
Papel, Papelão	2	18,2	8	72,7	1	9,1	11	100,0	-0,19
Química e Farmacêutica	3	10,0	16	53,3	11	36,7	30	100,0	-0,65
Urbana	6	16,2	14	37,8	17	45,9	37	100,0	-0,54
Vestuário	9	23,1	19	48,7	11	28,2	39	100,0	-0,57
Total do setor	59	16,9	184	52,6	107	30,6	350	100,0	-0,52

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

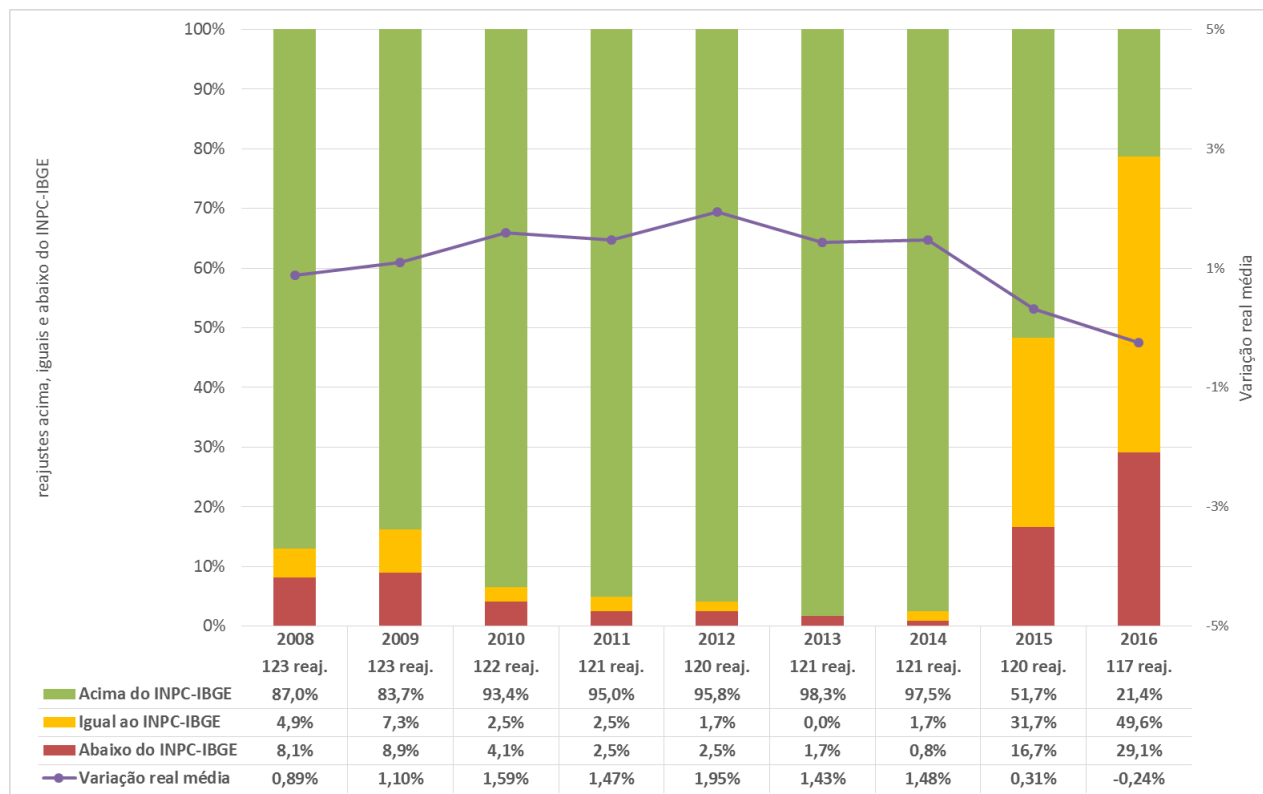
Obs.: São apresentadas somente as atividades econômicas com 10 ou mais reajustes registrados em 2016. No total do setor, foram incluídas as demais atividades econômicas não discriminadas na tabela

Comércio

No setor do comércio também houve forte queda da proporção de reajustes salariais acima da inflação. Representavam 98% dos reajustes em 2014, caíram para 52% em 2015 e, em 2016, chegaram a 21%, como pode ser observado no Gráfico 5. Os reajustes iguais à inflação foram negociados por praticamente metade das negociações e cerca de 29% obtiveram reajustes que não repuseram as perdas inflacionárias.

A perda salarial média foi a menor comparada aos outros setores: 0,24% abaixo da inflação.

GRÁFICO 5
Distribuição dos reajustes salariais no comércio, em comparação com o INPC-IBGE, e variação real média dos reajustes - Brasil, 2008-2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

As duas principais atividades do comércio tiveram resultados desiguais no que se refere à distribuição de reajustes salariais. O resultado mais desfavorável foi observado no comércio de minérios e derivados do petróleo, no qual predominaram os reajustes abaixo da inflação (57%). Já no comércio varejista e atacadista, nota-se a concentração de reajustes com valor igual a inflação. Porém ambas atividades registraram variações reais negativa, como mostra a Tabela 6.

TABELA 6

Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE, e variação real média dos reajustes, segundo atividades econômicas selecionadas do Comércio Brasil, 2016

Atividade econômica	Acima		Igual		Abaixo		Total		Variação real média (%)
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Minérios e Deriv. Petróleo	4	28,6	2	14,3	8	57,1	14	100,0	-0,41
Varejista e Atacadista	20	20,4	56	57,1	22	22,4	98	100,0	-0,20
Total do setor	25	21,4	58	49,6	34	29,1	117	100,0	-0,24

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

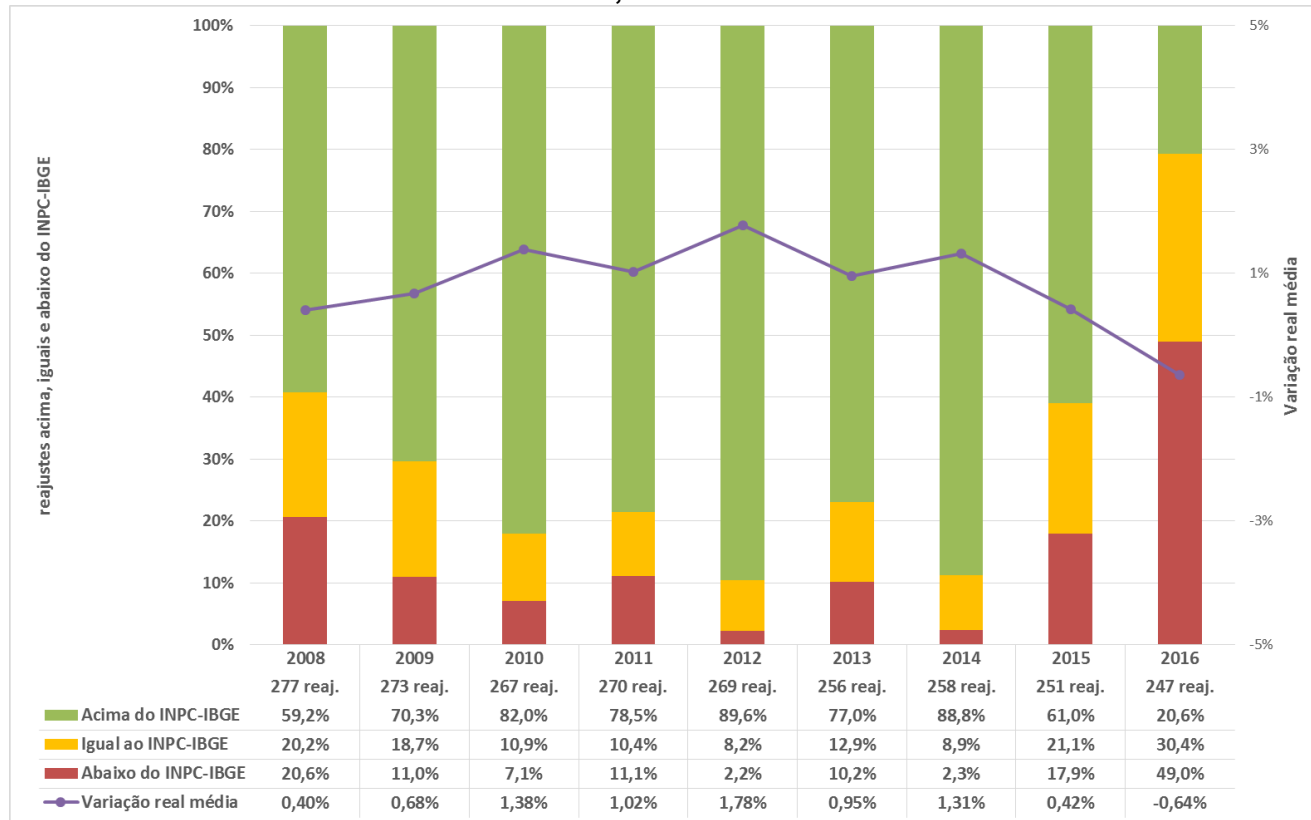
Obs.: São apresentadas somente as atividades econômicas com 10 ou mais reajustes registrados em 2016. No total do setor, foram incluídas as demais atividades econômicas não discriminadas na tabela

Serviços

Em comparação aos demais setores econômicos, os serviços tiveram o pior resultado. Quase a metade das negociações registrou reajustes abaixo da inflação. O setor também foi o que teve a maior perda real média: 0,64% abaixo da inflação (Gráfico 6).

GRÁFICO 6

Distribuição dos reajustes salariais nos serviços, em comparação com o INPC-IBGE, e variação real média dos reajustes Brasil, 2008-2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Nos serviços, as negociações da segurança e vigilância apresentaram os melhores resultados. Cerca de 44% dos reajustes registraram ganhos reais. Foi uma das poucas atividades econômicas cuja variação real média foi positiva, contudo muito próxima do índice inflacionário (0,05%). Aumento real médio idêntico foi observado na educação, ainda que o percentual de reajustes acima da inflação tenha sido menor (29,4%).

Por outro lado, todos os reajustes de processamento de dados ficaram abaixo da inflação, que registrou variação real média de 0,88% abaixo da variação do INPC.

A maior perda real média nos serviços foi observada nas comunicações (1,47% abaixo da variação do INPC) como pode ser visto na Tabela 7.

TABELA 7
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE, e variação real média dos salários, segundo atividades econômicas selecionadas dos serviços Brasil, 2016

Atividade econômica	Acima		Igual		Abaixo		Total		Variação real média (%)
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	
Bancos e Seguros Privados	5	35,7	0	0,0	9	64,3	14	100,0	-0,73
Comunicações	1	3,3	12	40,0	17	56,7	30	100,0	-1,47
Educação	10	29,4	19	55,9	5	14,7	34	100,0	0,05
Processamento de Dados	0	0,0	0	0,0	12	100,0	12	100,0	-0,88
Segurança e Vigilância	7	43,8	6	37,5	3	18,8	16	100,0	0,05
Serviços de Saúde	3	13,6	6	27,3	13	59,1	22	100,0	-0,76
Transportes	13	28,9	13	28,9	19	42,2	45	100,0	-0,51
Turismo e Hospitalidade	9	16,4	12	21,8	34	61,8	55	100,0	-0,72
Total do setor	51	20,6	75	30,4	121	49,0	247	100,0	-0,64

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Obs.: São apresentadas somente as atividades econômicas com 10 ou mais reajustes registrados em 2016. No total do setor, foram incluídas as demais atividades econômicas não discriminadas na tabela

Reajustes salariais por regiões geográficas

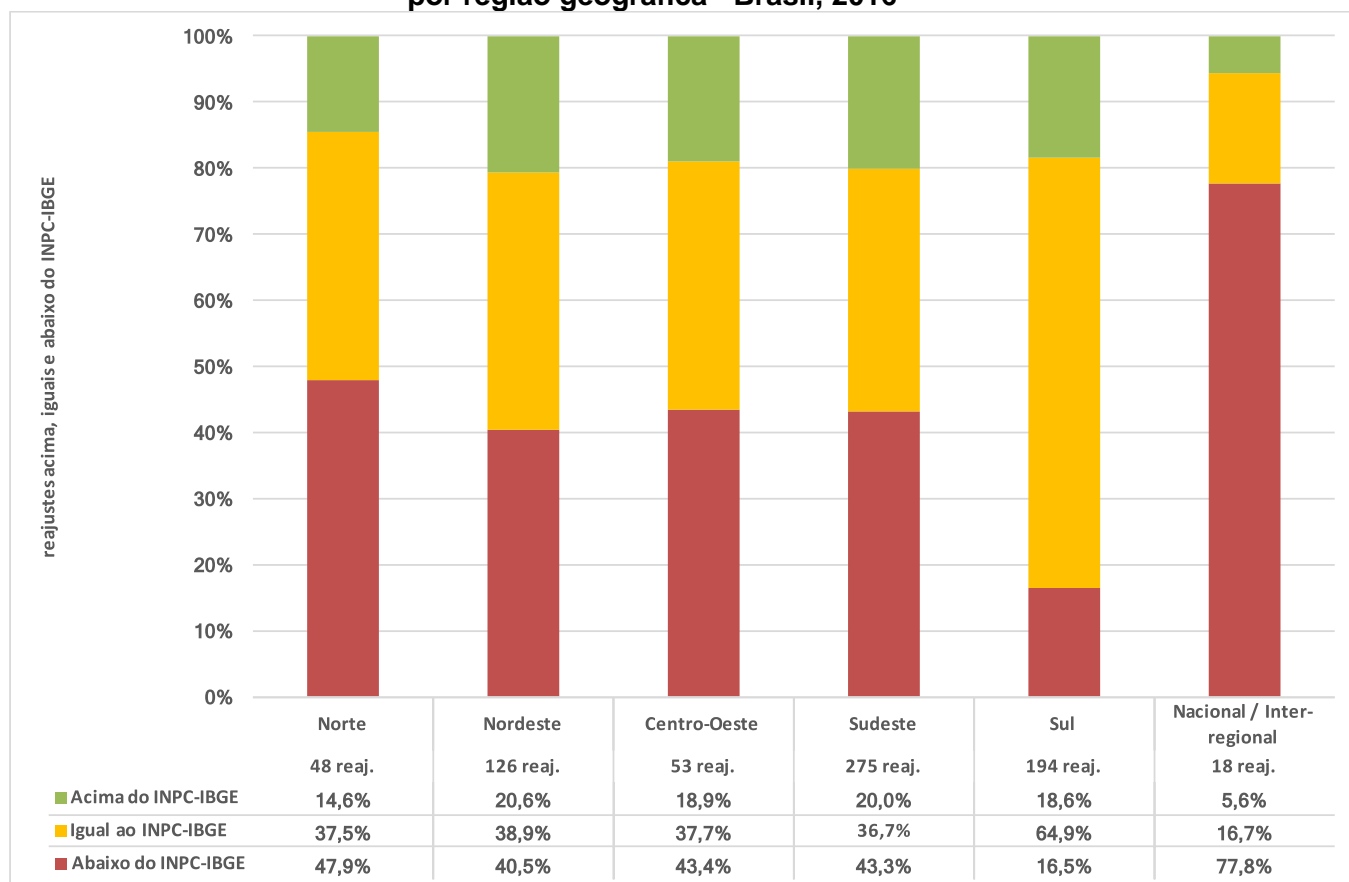
Exceto pelas negociações realizadas na região Sul do país e pelas negociações de abrangência nacional, não se nota diferenças significativas nas características dos reajustes conquistados pelas categorias das demais regiões do país.

Nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste predominaram os reajustes salariais abaixo da inflação, situados em uma proporção entre 41% e 48% do total de negociações cada região. Em seguida, observam-se os reajustes iguais à inflação, que variaram entre 37% e 39% do total em cada uma delas, e os reajustes acima, variando entre 15% e 21% (Gráfico 7)

Na região Sul, diferentemente, reajuste iguais à inflação foram verificados em 65% das negociações analisadas. O percentual de reajustes acima da inflação foi semelhante ao das demais regiões (19%); e o de reajustes abaixo da inflação, muito abaixo da média geral (16,5%).

O conjunto das negociações de abrangência nacional ou inter-regional também apresentou percentuais que destoam dos demais. Aproximadamente 78% dos reajustes não foram suficientes para recompor o poder de compra dos salários, 17% atingiram essa marca e apenas 6% obtiveram aumento real.

GRÁFICO 7
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE, por região geográfica - Brasil, 2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

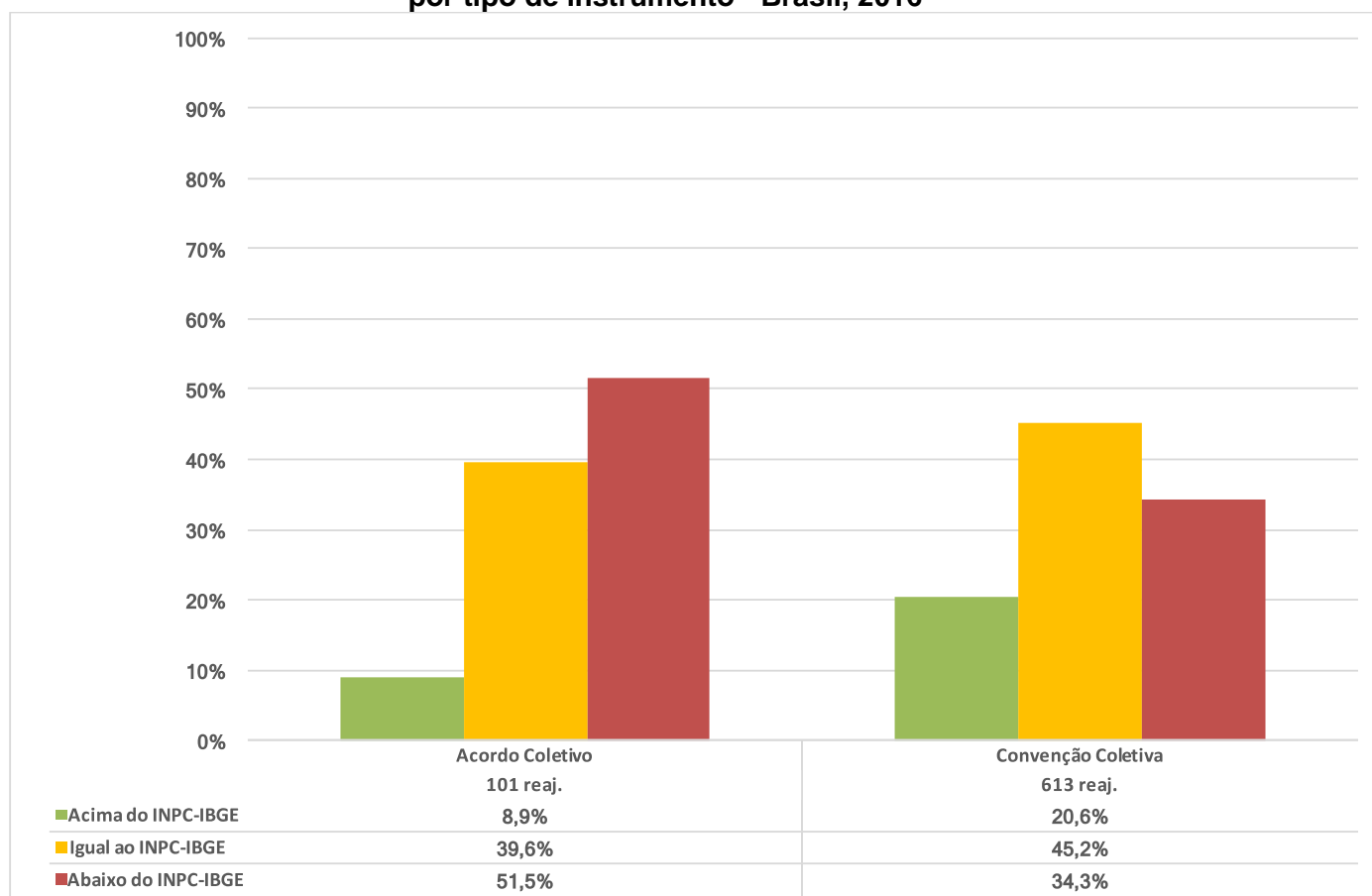
Reajustes salariais por tipo de negociação

A análise dos reajustes segundo o tipo de instrumento coletivo mostra que as convenções coletivas (documentos resultantes da negociação por categoria) apresentaram resultados menos desfavoráveis para os trabalhadores do que os acordos coletivos (documentos resultantes da negociação por empresas).

Mais da metade das negociações de acordos coletivos, cerca de 52%, resultaram em reajustes abaixo da inflação. Entre as negociações de convenções coletivas, essa proporção foi menor, embora alcance expressivos 34%, pouco mais de um terço destes reajustes.

Reajustes iguais à inflação foram mais frequentes entre as convenções (45%, diante de 40% dos casos nos acordos), assim como os reajustes acima da inflação (21%, diante de 9% dos acordos) (Gráfico 8).

GRÁFICO 8
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o INPC-IBGE,
por tipo de instrumento - Brasil, 2016



Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Resultados segundo o ICV-DIEESE

De acordo com a variação da inflação medida pelo Índice de Custo de Vida do DIEESE, cerca de 66% das negociações analisadas em 2016 registraram reajustes acima da inflação, 33%

tiveram reajustes abaixo da inflação e apenas 1% obteve reajuste em valor igual à variação do ICV⁵.

TABELA 8
Distribuição dos reajustes salariais, em comparação com o ICV-DIEESE
Brasil, 2016

Variação	Reajustes Salariais	
	nº	%
Acima do ICV-DIEESE	470	65,8
Mais de 5% acima	1	0,1
De 4,01% a 5% acima	0	0,0
De 3,01% a 4% acima	2	0,3
De 2,01% a 3% acima	2	0,3
De 1,01% a 2% acima	42	5,9
De 0,01% a 1% acima	423	59,2
Igual ao ICV-DIEESE	8	1,1
De 0,01% a 1% abaixo	133	18,6
De 1,01% a 2% abaixo	51	7,1
De 2,01% a 3% abaixo	27	3,8
De 3,01% a 4% abaixo	12	1,7
De 4,01% a 5% abaixo	4	0,6
Mais de 5% abaixo	9	1,3
Abaixo do ICV-DIEESE	236	33,1
Total	714	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Considerações finais

O resultado da negociação coletiva de 2016 foi um dos mais desfavoráveis para os trabalhadores, quando comparado com os reajustes dos últimos 20 anos. A proporção de reajustes acima da inflação (19%) igualou à proporção mais baixa da série, registrada em 2003; e a frequência de reajustes abaixo da inflação atingiu o patamar de 37%, o que há muito tempo não se observava. O resultado só não foi pior devido à alta proporção de reajustes (44%) iguais à inflação, a maior em toda a série dos balanços anuais de reajustes.

⁵ As diferenças entre os resultados apurados segundo o INPC-IBGE e o ICV-DIEESE decorrem do nível de abrangência das pesquisas e de diferenças metodológicas existentes entre elas, que implicam estimativas diferentes para a inflação. O ICV-DIEESE, que calcula a variação dos preços na cidade de São Paulo, estimou uma variação ligeiramente menor do que o INPC-IBGE, que calcula a variação dos preços em nove regiões metropolitanas, mais Brasília e o município de Goiânia.

Por essa razão, a variação real média registrada em 2016 foi negativa (-0,52%), algo que não ocorria desde 2003.

Os resultados dos reajustes salariais de 2016 são o reflexo do desempenho da economia nos últimos dois anos. O balanço dos reajustes de 2015 já havia mostrado mudança brusca nos patamares dos reajustes em relação aos 10 anos anteriores. Nesse intervalo, os reajustes acima da inflação eram predominantes, oscilando quase sempre acima de 86%.⁶ Em 2015, a proporção de reajustes abaixo da inflação aumentou significativamente, assim como os reajustes iguais à inflação; e pouco mais da metade das negociações obtiveram aumentos acima da inflação. Em 2016, a situação se agravou.

A grave crise econômica pela qual passa o país é uma das principais razões para o desempenho negativo das negociações salariais de 2016. Como mostram os dados recém-publicados pelo IBGE sobre o Produto Interno Bruto brasileiro, a queda no nível da atividade econômica foi geral e profunda, embora em nível diferenciado ao longo dos trimestres do ano: ligeira melhora na primeira metade de 2016, seguida da piora no período subsequente, fato que ajuda a entender o desempenho das negociações do segundo semestre.

Os dados são corroborados pelas pesquisas de emprego e desemprego (PED) do DIEESE e Fundação SEADE, que indicaram o preocupante aumento das taxas de desemprego e desocupação, após um longo período em que a pesquisa sinalizava o contrário: uma alta taxa de ocupação e desemprego em queda.

Um dos poucos fatores positivos da economia em 2016 foi a queda das taxas de inflação. Talvez por essa razão, muitas categorias lograram ao menos recompor o poder de compra dos salários, independentemente da forma como isso foi alcançado – mediante parcelamento e/ou escalonamento dos reajustes. Ou seja, para a parte dos trabalhadores que conseguiu manter-se empregada em 2016, a recomposição do valor real dos salários foi o melhor que conseguiram conquistar nestes tempos tão adversos.

A profunda recessão econômica pode ter sido fator determinante para a queda das taxas de inflação. No entanto, trata-se do exemplo do remédio que, a custos de matar o paciente, dá a falsa impressão de debelar a doença. Enquanto tal cenário não for revertido, as negociações coletivas continuarão se dando em ambiente muito adverso aos trabalhadores.

⁶ À exceção de 2005, 2008 e 2009, quando foram atingidos os patamares também elevados de 72%, 77% e 80% dos reajustes de cada ano, respectivamente.

Anexos

Nesta seção são apresentadas tabelas com informações complementares ao balanço dos reajustes de 2016. A Tabela 9 traz a distribuição dos reajustes analisados por setor econômico segundo as datas-bases das categorias analisadas. A Tabela 10 apresenta a distribuição dos reajustes de acordo com o tipo de instrumento normativo. A Tabela 11 mostra a distribuição dos reajustes segundo o setor e a atividade econômica das categorias profissionais. Por fim, a Tabela 12 traz a distribuição dos reajustes segundo região geográfica e unidade da Federação.

TABELA 9
Distribuição dos reajustes salariais, por setor econômico, segundo data-base
Brasil, 2016

	Indústria			Comércio			Serviços			Total		
	nº	%	% acum	nº	%	% acum	nº	%	% acum	nº	%	% acum
Jan	35	10,0	10,0	13	11,1	11,1	47	19,0	19,0	95	13,3	13,3
Fev	9	2,6	12,6	1	0,9	12,0	14	5,7	24,7	24	3,4	16,7
Mar	27	7,7	20,3	28	23,9	35,9	37	15,0	39,7	92	12,9	29,6
Abr	21	6,0	26,3	8	6,8	42,7	21	8,5	48,2	50	7,0	36,6
Mai	94	26,9	53,1	11	9,4	52,1	67	27,1	75,3	172	24,1	60,6
Jun	25	7,1	60,3	6	5,1	57,3	13	5,3	80,6	44	6,2	66,8
Jul	15	4,3	64,6	9	7,7	65,0	3	1,2	81,8	27	3,8	70,6
Ago	20	5,7	70,3	2	1,7	66,7	9	3,6	85,4	31	4,3	74,9
Set	34	9,7	80,0	18	15,4	82,1	23	9,3	94,7	75	10,5	85,4
Out	28	8,0	88,0	8	6,8	88,9	6	2,4	97,2	42	5,9	91,3
Nov	37	10,6	98,6	11	9,4	98,3	4	1,6	98,8	52	7,3	98,6
Dez	5	1,4	100,0	2	1,7	100,0	3	1,2	100,0	10	1,4	100,0
Total	350	100,0	-	117	100,0	-	247	100,0	-	714	100,0	-

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

TABELA 10
Distribuição dos reajustes salariais, segundo tipo de instrumento
Brasil, 2016

Instrumento Normativo	Reajustes Salariais	
	nº	%
Acordo Coletivo	101	14,1
Convenção Coletiva	613	85,9
Total	714	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

TABELA 11
Distribuição dos reajustes salariais, segundo setor
e atividade econômica
Brasil, 2016

Setor / Atividade Econômica	Reajustes Salariais	
	nº	%
Comércio	117	16,4
Minérios e Derivados de Petróleo	14	2,0
Propagandistas e Vendedores de Produtos Farmacêuticos	5	0,7
Varejista e Atacadista	98	13,7
Indústria	350	49,0
Alimentação	44	6,2
Artefatos de Borracha	4	0,6
Artefatos de Couro	1	0,1
Cinematográfica	1	0,1
Construção e Mobiliário	69	9,7
Extrativa	7	1,0
Fiação e Tecelagem	19	2,7
Gráfica	15	2,1
Instrumentos Musicais e Brinquedos	1	0,1
Joalheria e Lapidação	1	0,1
Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico	69	9,7
Papel, Papelão e Cortiça	11	1,5
Química e Farmacêutica	30	4,2
Urbana	37	5,2
Vestuário	39	5,5
Vidros	2	0,3
Serviços	247	34,6
Agentes Autônomos no Comércio	9	1,3
Bancos e Seguros Privados	14	2,0
Comunicações, Publicidade e Empresas Jornalísticas	30	4,2
Cultura Física	1	0,1
Difusão Cultural	9	1,3
Educação	34	4,8
Processamento de Dados	12	1,7
Segurança e Vigilância	16	2,2
Serviços de Saúde	22	3,1
Transportes	45	6,3
Turismo e Hospitalidade	55	7,7
Total	714	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

TABELA 12
Distribuição dos reajustes salariais, segundo região geográfica
e unidade da Federação
Brasil, 2016

Região Geográfica / unidade da Federação	Reajustes Salariais	
	nº	%
Norte	48	6,7
Amazonas	21	2,9
Pará	23	3,2
Rondônia	3	0,4
Roraima	1	0,1
Nordeste	126	17,6
Alagoas	5	0,7
Bahia	39	5,5
Ceará	22	3,1
Maranhão	1	0,1
Paraíba	10	1,4
Pernambuco	23	3,2
Piauí	4	0,6
Rio Grande do Norte	13	1,8
Sergipe	9	1,3
Centro-Oeste	53	7,4
Distrito Federal	21	2,9
Goiás	22	3,1
Mato Grosso	6	0,8
Mato Grosso do Sul	4	0,6
Sudeste	275	38,5
Espírito Santo	11	1,5
Minas Gerais	57	8,0
Rio de Janeiro	67	9,4
São Paulo	140	19,6
Sul	194	27,2
Paraná	62	8,7
Rio Grande do Sul	78	10,9
Santa Catarina	54	7,6
Nacional / Inter-regional	18	2,5
Total	714	100,0

Fonte: DIEESE. SAS-DIEESE – Sistema de Acompanhamento de Salários

Notas metodológicas

1. As informações que embasam este estudo foram extraídas de acordos e convenções coletivas de trabalho registradas no Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS-DIEESE). Os documentos foram remetidos ao DIEESE pelas entidades sindicais envolvidas nas negociações coletivas, pelos escritórios regionais e subseções (unidades de trabalho que funcionam dentro de entidades sindicais) ou captados diretamente no Sistema Mediador, base de dados de instrumentos coletivos mantida pelo Ministério do Trabalho. Complementarmente, também foi considerado o noticiário da imprensa escrita e dos veículos impressos ou virtuais do meio sindical – jornais e revistas de sindicatos representativos de trabalhadores e de entidades sindicais empresariais.
2. Os dados aqui apresentados têm valor indicativo e buscam captar tendências da negociação salarial no país.
3. O painel de informações utilizado não permite extrapolações para além do conjunto exposto neste trabalho, dado que não se trata de amostra probabilística.
4. Cada registro refere-se a uma unidade de negociação. Por unidade de negociação, entende-se cada núcleo de negociação coletiva entre representantes de trabalhadores e empresários que resulta em um contrato formalizado entre as partes.
5. Este estudo analisou os reajustes salariais acordados por 714 unidades de negociação da indústria, do comércio e dos serviços. Estas negociações fazem parte de um painel fixo de 895 unidades de negociação acompanhadas anualmente pelo SAS-DIEESE desde 2008.
6. Foram excluídos desta pesquisa os reajustes conquistados pelas entidades representativas dos trabalhadores rurais e do funcionalismo público. Isto se deve às peculiaridades da dinâmica e dos resultados das negociações dessas categorias, que diferem significativamente das desenvolvidas nos demais setores econômicos.
7. O foco exclusivo das análises desenvolvidas nesta pesquisa são as negociações por reajuste dos salários diretos. Não faz parte das pretensões deste trabalho, portanto, a abordagem dos efeitos de vantagens compensatórias acordadas sob a forma de remuneração indireta ou variável (auxílios e adicionais).
8. Os reajustes aplicados aos pisos salariais são, em geral, diferentes dos aplicados aos demais salários. Neste estudo, foram considerados somente os reajustes aplicados aos salários superiores aos pisos.

9. No caso de reajustes salariais escalonados por faixas de remuneração, foi registrado o percentual incidente sobre o menor salário ou, quando disponível a informação, sobre a faixa salarial mais abrangente.
10. Nas tabelas do estudo, os percentuais serão sempre apresentados com arredondamento na primeira casa decimal, à exceção dos percentuais de inflação e aumento real médio, apresentados com arredondamento na segunda casa decimal. No texto, aparecerão arredondados para o valor inteiro mais próximo, resguardada a ressalva feita em relação aos índices de inflação e aumento real médio.



Rua Aurora, 957 – Centro – São Paulo/SP
012009-001
Fone: (11) 3874-5366 – Fax: (11) 3874-5394
E-mail: en@diesse.org.br
<http://www.diesse.org.br>

Direção Sindical Executiva

Presidente: Luis Carlos de Oliveira

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de São Paulo Mogi das Cruzes e Região – SP

Vice-presidente: Raquel Kacelnikas

Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região – SP

Secretário Nacional: Nelsi Rodrigues da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Diretor Executivo: Alex Sandro Ferreira da Silva

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Material Elétrico de Osasco e Região – SP

Diretor Executivo: Bernardino Jesus de Brito

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo – SP

Diretor Executivo: Carlos Donizeti França de Oliveira

Federação dos Trabalhadores em Serviços de Asseio e Conservação Ambiental Urbana e Áreas Verdes do Estado de São Paulo – SP

Diretora Executiva: Cibele Granito Santana

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de Campinas – SP

Diretor Executivo: Josinaldo José de Barros

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas Mecânicas e de Materiais Elétricos de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel – SP

Diretora Executiva: Mara Luzia Feltes

Sindicato dos Empregados em Empresas de Assessoramentos Perícias Informações Pesquisas e de Fundações Estaduais do Rio Grande do Sul – RS

Diretora Executiva: Maria das Graças de Oliveira

Sindicato dos Servidores Públicos Federais do Estado de Pernambuco – PE

Diretor Executivo: Paulo Roberto dos Santos Pissinini Junior

Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas de Máquinas Mecânicas de Material Elétrico de Veículos e Peças Automotivas da Grande Curitiba – PR

Diretor Executivo: Paulo de Tarso Guedes de Brito Costa

Sindicato dos Eletricistas da Bahia – BA

Diretora Executiva: Zenaide Honório

Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo – SP

Direção Técnica

Diretor Técnico: Clemente Ganz Lúcio

Coordenadora de Pesquisas e Tecnologia: Patrícia Pelatieri

Coordenador de Educação e Comunicação: Fausto Augusto Junior

Coordenador de Relações Sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira

Coordenadora de Estudos em Políticas Públicas: Angela Schwengber

Coordenadora Administrativa e Financeira: Rosana de Freitas

Equipe Técnica Responsável

Daniel Ribeiro

Luís Augusto Ribeiro da Costa

Henrique Sanchez Fraga (auxiliar técnico)

José Silvestre Prado de Oliveira (revisão técnica)

Paulo Jager (revisão técnica)